

EDUCAÇÃO DO CAMPO: ESTUDO DA ESCOLA PÚBLICA DOS ILHÉUS DE ILHA RASA, LITORAL NORTE DO PARANÁ  
Mariangela **Cunha** – UTP - maricunha@hotmail.com

Este trabalho apresenta parte da pesquisa de Mestrado em Educação, em andamento, que está sendo realizada numa comunidade de ilhéus e tem como objetivo compreender os reflexos da prática escolar na comunidade assim como os reflexos da organização da comunidade na vida escolar. Ou seja, entender a forma como certos aspectos da cultura local exercem influência na escola da vida e na vida da escola.

Neste contexto, esta pesquisa iniciou-se a partir da constatação de que esta escola isolada, de pescadores artesanais e difícil acesso, possui instalações precárias, professores com formação deficiente e alunos utilizando a canoa como meio de transporte. Fatores estes importantes para ilustrar a prática pedagógica em situação adversa e, não obstante, frequente na região estudada. Ressalto acima de tudo, o modo de vida em que as famílias de pescadores artesanais estão imersas e a realidade da escola que constituem demonstração fiel das condições culturais, sociais e econômicas desta gente.

Esta é, no entanto, uma escola central para os moradores que habitam as comunidades ribeirinhas deste denso labirinto de águas.

A pequena escola com classes multisseriadas, para os anos iniciais, Ensino Fundamental completo existente somente há 6 anos e EJA para os anos de 5ª a 8ª série e Médio, possui características relevantes ao debate da educação do campo e dos movimentos sociais do estado do Paraná.

É importante ressaltar a conceituação de Caldart (2004) quanto aos povos do campo:

O campo tem diferentes sujeitos. São pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, camponeses, assentados, reassentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, assalariados rurais e outros grupos mais (p.153).

O propósito desta pesquisa, de cunho etnográfico, consiste em apresentar a análise preliminar desta investigação de enfoque qualitativo que está sendo realizada através de entrevistas com professores, alunos, moradores e direção da escola pública de ilhéus; observação do caderno e desenhos realizados pelos alunos com o intuito de verificar as atividades escolares e a possível relação entre elas e o modo de vida local; observação do modo de vida local; e análise documental. Pressupõe-se neste tipo de estudo um contato direto e prolongado do pesquisador com a situação pesquisada e uma compreensão do cotidiano escolar para tentar entender sua dinâmica de relações e interações.

Aproximações já foram efetivadas com a escola sede em Guaraqueçaba e com a Secretaria de Educação do Município, na busca de informações referentes à escola e que pudessem servir de ponto de partida para as investigações subseqüentes. Foram realizadas também observações de aulas e conversas com alunos, professores, e moradores da vila de Ilha Rasa.

A Ilha Rasa situada na baía das Laranjeiras está dentro da Área de Proteção Ambiental (APA) de Guaraqueçaba, faz parte da Mata Atlântica e fica no litoral norte do Paraná. Este local, rodeado por manguezais, abriga um dos mais ricos patrimônios naturais do país com alta diversidade biológica e cultura peculiar. É uma ilha de pescadores artesanais que habitam a região há muitos anos. Tem uma população de aproximadamente 600 habitantes que povoam uma área de 10,5 Km<sup>2</sup>. Está a 11 km de Guaraqueçaba e a 24 km de Paranaguá, e é constituída por 5 vilas. Barcos ancorados de pescadores caracterizam a paisagem.

O acesso à educação escolar é restrito aos ilhéus e ribeirinhos. As crianças que freqüentam a escola da Ilha Rasa provêm das vilas da própria ilha, de ilhas próximas e vilas de ribeirinhos localizadas no continente, porém sem acesso por terra.

Esta escola representa a única possibilidade de acesso à instrumentalização do saber, leitura e escrita desta região. Desta maneira, fornece a seus alunos oportunidades de aprendizagem, que, de outra forma, não existiriam.

As escolas das ilhas e das comunidades ribeirinhas são administradas pela Escola Municipal/Estadual Marcílio Dias, numa dualidade administrativa, situada em Guaraqueçaba. Na escola da Ilha Rasa, denominada Escola Rural Municipal de Gabriel Ramos da Silva o material didático é escolhido pelos pedagogos que trabalham no município e no Estado. O município atende as turmas de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série e o Estado pelas turmas de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série, e EJA. O ensino de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série regular teve início há 6 anos, ocasionando grande defasagem idade-série, pois os alunos que tiveram seus estudos interrompidos na quarta série não conseguiram dar sequencia ao processo de escolarização. Poucos destes alunos retornaram a escola, na modalidade EJA. O Ensino Médio regular teve início neste ano de 2009.

A realidade social das ilhas do Paraná propicia a evasão escolar em função da necessidade do trabalho. Portanto, a descrição dos aspectos da vida diária dos ilhéus se faz relevante para compreender o processo educacional desta população; como os indivíduos percebem o ambiente em que vivem; os dilemas enfrentados nesta dualidade, bem como as dificuldades encontradas pelos professores para a manutenção e continuidade da educação.

Na Ilha Rasa é do senso comum que as crianças acompanhem seus pais na atividade pesqueira deste muito cedo. Os pais levam os pequenos em suas canoas e os ensinam a arte da

pesca, a conservação das redes e manutenção de seu bem maior, a embarcação. As famílias necessitam da ajuda financeira propiciada pelos filhos e os estimulam na prática da pesca. Compreende-se que este aprendizado tem sido passado de pais para filhos por gerações, supondo-se que o destino das crianças e sua futura atividade estão predeterminados.

Quando ao refletir sobre os povos do campo percebe-se que este costume é comum, “faz parte da educação da criança e do jovem o acompanhamento das atividades que os pais realizam”. (SEED, 2006, P. 38).

Segundo o mesmo referencial teórico, os povos do campo se caracterizam pelo seu jeito peculiar de se relacionarem com a natureza, através da mão-de-obra dos membros da família, cultura e valores que reforçam as relações familiares e de vizinhança. (SEED/PR, 2006, p.22).

Brandão (2007) destaca que,

A sabedoria acumulada do grupo social não “dá aulas” e os alunos, que são todos os que aprendem, “não aprendem na escola”. Tudo o que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de trocas entre pessoas [...]. As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende. (2007, p. 18).

Nesta comunidade de ilhéus, os adultos conhecedores atuam como tutores de todas as relações entre a criança e a natureza, estabelecendo assim, situações de aprendizagem. Faz-se necessário, dessa forma, uma escola que não hipoteque o futuro da criança e constranja a sua vontade, mas sim uma escola de liberdade e de livre iniciativa.

Não obstante, o dia a dia na comunidade os leva para a vida de anzóis e mar. As oportunidades de exercer outra atividade profissional são poucas, “[...] os meios de subsistência constituem aos próprios olhos daqueles que as exercem, uma coisa para a qual a pessoa se resolve por falta de coisa melhor.” (BOURDIEU, 1979, p.84).

Conversas informais com os moradores mais velhos demonstraram que acreditam na escola para seus filhos, mas quanto a eles, se dizem velhos, com problemas de concentração, dores no corpo, vista cansada, e acima de tudo destacam o distanciamento existente entre o que é ensinado na escola e a realidade em que vivem. Mencionam que, o ensino além de não modificar suas vidas não lhes trará benefícios, uma vez que as oportunidades de emprego na ilha são reduzidas. São pescadores, sentem-se acostumados a este tipo de vida e incapazes de modificá-la. A pesca é para eles coisa habitual, na verdade natural, componente inevitável de sua existência. Faz pouco tempo que a escola oferece o ensino fundamental completo e ainda

parece ser cedo para que estes habitantes se habituem à ideia de que a educação pode mostrar-lhes outros caminhos.

Diante deste quadro, faz-se necessário oferecer uma aprendizagem que ofereça assimilação de novos conhecimentos e que esses conhecimentos teóricos e científicos os auxiliem na compreensão de seus direitos e deveres, na resolução de seus problemas e necessidades.

Com relação a esse fato cita-se Luria,

Quando muda o padrão de vida e se ampliam as dimensões da própria experiência, quando eles aprendem a ler e a escrever, a ser parte de uma cultura mais avançada, esta maior complexidade de sua atividade estimula novas idéias. Tais modificações, por sua vez, ocasionam uma reorganização radical de seus hábitos de pensamento, de modo que eles aprendem a usar e a compreender o valor de procedimentos teóricos que anteriormente pareciam irrelevantes. (LURIA apud DUARTE, 2003, p.622).

As pessoas reproduzem os afazeres de seus antepassados, dando continuidade a uma cultura estabelecida há muito tempo. Os mais jovens, no entanto, percebem que com a aquisição do conhecimento escolar, terão condições de modificar este padrão. O que se aprende na escola, o que se faz nela e o que se pensa dela está diretamente vinculado ao conhecimento que foi construído ao longo do tempo na sociedade e na prática escolar.

Constata-se de forma preliminar que existe a tentativa do grupo docente em estabelecer um vínculo entre o conhecimento vinculado nos livros didáticos e o modo de vida da população de ilhéus. Procuram tirá-los do senso comum que os levará a perpetuar a cultura local enfatizando a necessidade da educação para que possam fazer escolhas. Na tentativa de passar-lhes informações sobre a vida nos grandes centros ensinam que a cidade é excludente e que sem a educação oferecida na escola estariam somente inchando as periferias das cidades. No entanto, são nativos da ilha e pouco conhecem da realidade fora do contexto em que estão inseridos.

De acordo com Gramsci, a escola conduz, “o jovem até os umbrais da escolha profissional formando-os entrementes como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige.” (GRAMSCI, 1968, p.136).

Ao colocar em questão os aspectos culturais da escola e da vida dos ilhéus, coloca-se no debate a prática social de um povo que necessita de uma escola que seja deles e não para eles. Dentre as principais conclusões, esta pesquisa vem sinalizando que o processo de escolarização na Ilha Rasa está adquirindo complexidade por estar em desenvolvimento,

lembrando que o ensino Fundamental completo iniciou somente há 6 anos. Os moradores ainda procuram se adaptar ao fato de que podem continuar a estudar.

Nesta perspectiva, acredita-se na existência de uma dualidade entre a educação oferecida na escola e a vida do trabalho. A educação nesta comunidade encontra-se dividida entre a possibilidade de melhorar a qualidade de vida por meio da educação, tendo o ilhéu como agente transformador e produtor de sua própria história e entre o trabalho, o provedor de sua existência e criador de obstáculos perante o processo educacional.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salet; MOLINA, Mônica Castagna. *Por uma educação do campo*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *O desencantamento do mundo*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 49. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DUARTE, Newton. *Conhecimento Tácito e Conhecimento Escolar na Formação do Professor: por que Donald Schön não entendeu Luria*. Educação e Sociedade, Campinas, vol.24, n.83, p. 601-625, ago 2003. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 9.ed. Civilização Brasileira, 1995.

SEED/PR. *Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná: Educação do Campo*. 2006.